

A GALLINHA DE SENTINELLA

— Em quanto eu vou alli á horta apanhar umas alfaces para o jantar, fica tu aqui muito quietinha. Vê lá, não chores!

Isto dizia a mãe á pequenina Helena, sentando-a á sombra d'uma arvore, sobre a herva muito fofinha.

Mas a Helenita pareceu não estar pelos ajustes, e não fazer caso da recommendação, por-

— Agora já a minha filhinha fica bem acompanhada.

E voltando-se para a gallinha, que esperava por mais migalhas, accrescentou:

— Toma sentido, gallinha, não deixes que ninguem faça mal á minha menina. Confio a á tua guarda. Vê lá o que fazes!

E d'esta vez pôde ir apanhar as alfaces, porque a pequenita ficou muito contente com a companhia da gallinha. O que é a innocencia!



... postara-se ao pé da pequenita como um soldado que está de sentinella

que, apenas a mãe deu alguns passos para se ir embora, começou a chorar.

A boa mãe voltou atraz e fez muitas festas á pequenita, dizendo-lhe:

— Então, não sejas feia. Não chores. Eu venho já. Olha, toma lá o beberão; vae bebendo uma gotinha de leite, minha gulosa.

A Helenita pegou no beberão e levou-o á bocca, cessando de chorar; mas apenas a mãe tentou de novo afastar-se, desatou outra vez n'um berreiro infernal.

A pobre mãe não sabia que fazer. De repente, teve uma idéa feliz. Andava alli perto uma gallinha com os seus pintainhos; chamou-a, atrahindo-a com algumas migalhas de pão, e disse então á Helenita:

Os pintainhos debicavam na terra, á procura d'alguma migalha. A mãe d'elles, parecendo ter percebido a incumbencia que lhe tinham feito, postara-se ao pé da pequenita, como um soldado que está de sentinella.

O grupo não podia ser mais gracioso.

A Helenita sorria-se para os pintainhos e chamava-os com a mão. Ao mesmo tempo, assim distrahida, deixara pender o beberão que tinha na outra mãosinha, e o leite ia-se entornando pelo bibe.

O caso do leite se entornar é que não foi nada bom, porque as moscas, sempre gulosas, vieram logo, como que atrahidas, para o beber, e não só as moscas, senão tambem algumas vespas, o que é muito peor, porque a sua mordedura causa uma dôr cruelissima.

A dedicada gallinha, parecendo comprehender o perigo que corria a innocente confiada á sua guarda, começou a bater apressadamente com as azas, para afugentar as vespas, e a cacarejar com toda a força, para chamar a attenção da mãe da Helenita.

A innocente ria a bom rir com os movimentos da gallinha, sem suspeitar do perigo de que estava ameaçada.

N'este momento chegou a mãe que, ao ver as moscas e as vespas teimosas em perseguirem a sua filha, por causa do leite, teve um grande susto, e tratou logo de tomar nos braços a innocente. Mas não lhe escapou o esvoaçar da fiel gallinha; por isso, foi-lhe dar uma boa porção de milho, migalhinhas de pão, e prometeu lá comsigo nunca a matar, deixal-a morrer de velha.

E fez muito bem a mãe da Helenita: todos as boas acções merecem recompensa.

MATTOS MOREIRA.

FEALDADE DO DESAMOR FILIAL

Meus meninos, voltemos a medalha. Nas duas lições anteriores vistes quanto é bello o ser bom filho; agora vou provar-vos com um exemplo bem expressivo quanto é feio e desprezível e condemnável ser mau filho.

Houve um rei portuguez, que appellidaram o *príncipe perfeito*, e na verdade ninguém mais que elle promoveu a gloria do seu paiz e foi mais amante da justiça e do merito.

Este rei foi D. João II, cujo caracter rectissimo muito se revelou no caso seguinte.

Um almocreve do Alemtejo, á custa de actividade, intelligencia e economia, juntara uma tal ou qual abastança, de modo que julgou ter meios para mandar estudar em Coimbra seu filho, que desde a mais tenra idade manifestara extraordinario talento.

Pôde aquelle bom pae chegar a fazer concluir a sua formatura o filho, mas exauriu os seus meios, a abastança desandou-lhe em pobreza, cheia de difficuldades e grandes cuidados. Sahido da Universidade, o filho progrediu rapidamente só pela força de sua intelligencia e da sua energica vontade.

Em poucos annos subira aos mais elevados cargos e chegou a occupar lugar honrosissimo na côrte de tão grande monarcha, junto de quem só tinham accesso os que provavam verdadeiro merecimento.

Mas quanto a intelligencia era maravilhosa, tanto horrendamente perverso era o caracter d'esse homem, como provou exuberantemente para seu castigo e desprezo de quantos o conheceram.

Um dia el-rei D. João II, passando d'uma para outra terra do Alemtejo, acertou fazer caminho pelas proximidades da povoação em que vivia o infortunado pae, que, sabendo que na comitiva do rei vinha seu filho, apesar de mui resentido pela negrissima ingratitude com que se

esquecera d'elle e dos grandes sacrificios que, para a sua educação e adiantamento fizera, assim mesmo, por que era pae, accorreu pressuroso a ver o filho.

Era numerosissimo o prestito real e seguia em diversos magotes.

N'um dos primeiros ia o filho do almocreve, que apenas avista o filho no meio de tão importantes personagens, corre a elle e lhe estende os braços, exclamando, no auge, da sua satisfação e amor paternal:

— Meu filho! é meu filho!

Este é que fingiu nada ver, nada ouvir, como se aquelle velho lhe fosse inteiramente desconhecido.

Passa grave, soberbo, activo, sem voltar o rosto e os olhos, surdo, cego, insensível aos clamores do amor paternal, o que chamava!

O orgulhoso magistrado teve vergonha perante uma côrte confessar a humildade da sua origem; não teve a nobre coragem de, diante dos cortejos e do monarcha, bem alto e entre as expansões de funda gratidão e verdadeiro affecto filial, proclamar que aquelle almocreve era seu pae, que alli viam pobre, por que tivera o heroismo de empobrecer para engrandecer e felicitar o filho.

Procedimento tão vil, tão negra ingratitude, tão repellente perversão do coração, acabrunharam de dôr e fizeram derramar sentidas lagrimas ao pobre pae, e excitaram a maior indignação em todos que isto presenciaram.

Ainda o pobre velho soluçava e chorava amargamente, quando passou, n'um dos ultimos grupos, o monarcha, que reparou logo n'aquelle homem acurvado pelo soffrimento e agora com o rosto banhado de lagrimas.

O rei quer saber immediatamente a causa d'essas lagrimas, e ao ter conhecimento da negrura do caso, indignado ao mais alto ponto, faz chamar o mau filho e lhe diz, mui irado:

— Afastae-vos para sempre da minha vista, da minha côrte e do meu serviço; sois um infame, por que sois um grande ingrato. Nunca, nunca podeis ser bom conselheiro do vosso rei e bom servidor do vosso paiz, porque um mau filho só pôde ter um coração perverso para ser alicece de quanto é mau.

Depois, voltando-se para o pobre pae, cada vez mais desolado, o anima, dizendo-lhe:

— Perdeis um filho, mas o vosso rei vos estimará e honrará com ternura filial. Descançae e gloriae-vos em mim.

Meus filhos, conclui d'esta narração quanto é feio e desprezível e perigoso ser mau filho.

Digo que tambem é perigoso, por que a escriptura santa diz: Nunca o mau filho prosperará; ao bom filho é que Deus dá as suas benções e largos dias de vida.

SILVA FIGUEIRA.





O JORGINHO

O Jorginho era o enlevo dos papás.

Tinha apenas cinco annos, mas era um travesso!... Não consentia que a sua manasinha possuísse uma boneca; porque, logo que lh'a compravam, tratava de procurar o meio de a quebrar

Era muito galante, de cabellino loiro em largos anneis, bonita côr, olhos azues, rechonchudo, muito bonito, emfim.

Quando sahia a passear com a criada, se ella acaso o levava pela mão, depois de lutar por algum tempo para se desprender, trincava-lh'a frenetico, até o largar. Deitava então a correr, mas, como as suas perninhas ainda eram demasiadamente trôpegas, cahia apenas dava alguns passos, saltando-lhe o gorro da cabeça, e das mãos os brinquedos. As vezes, quando iam para o levantar, punha-se elle antes em pé e, deitando a lingua de fóra, largava a correr.

Para os paes de Jorge eram uma galanteria estas diabruras; mas para as criadas serviam só de mortificação.

Um dia sahio o Jorginho a passear com o papá. Ia á solta. Corria, saltava, mas só nos passeios, porque tinha medo dos trens. Acompanhava-o a Julia, mana mais velha de Jorge, e muito mais socegada que elle. Gostava immenso de todos os mostradores onde houvesse pinturinhas, bonecas, ou outros objectos que lhe agradassem.

— Que bonita estampa, meu papá! — dizia ella ao passar pela livraria Mattos Moreira, ao Rocio. — Que representa?

— Uma senhora descendo para um escaler, não vês?!

— E aquella do preto? — tornava a pequenita Julia.

O papá ia para lhe explicar que a oleographia representava o Othello, quando foi interrompido por fortes risadas, que partiam do lado opposto.

O Jorginho tinha fugido enquanto o papá e a mana ficaram parados.

Dois garotitos de jornaes, por qualquer rasão, tinham pegado á pancada um com o outro, e o Jorginho, que por algum tempo contemplara

aquella scena de pugilato, fóra por detraz d'elles e batera-lhes com o pau de empurrar o arco que lhe servia de brinquedo. Enquanto os dois rapazes se soccavam, elle, correndo ora para um para outro, dava-lhe a pancada e fugia a rir muito. Mas, quando o pae se voltou, era na occasião em que um dos rapazes, ou já dorido ou zangado por o divertimento de Jorge, corria para elle; porém o nosso heroe tambem corre, o mais depressa que lhe permittem as suas pequeninas pernas, para ir agarrar-se ao papá. Mas, por fatalidade, o Jorginho cahe, indo bater de encontro ao candieiro da esquina. O pequenito desatou a chorar, e com razão, porque fez uma brecha na carinha, que se cobriu de sangue.

O inconsolavel pae levantou-o nos braços e correu com elle á pharmacia proxima, onde lhe prestaram os primeiros soccorros. O pequenito não cessava de chorar, a terna Julinha chorava tambem ao ver o mano sujo de sangue.

Era uma berraria terrivel!

O pobre pae chamou um trem, e foram para casa, onde a mamã recebeu afflictissima o seu querido filho.

E agora, meus leitoresinhos, vejamos o que succedeu ao Jorge por elle ser traquinas; por isso, não o tomem por modelo, antes á mana Julia, que se ri agora ao ver o desenvolto irmão com uma cruz de adhesivo na testa!

A. MEIRELLES DE LEMOS.

AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

Apesar da exclamação da manasinha, Paulo fez um gesto de duvida. Ella percebeu, e disse logo:

— Vou dar-te uma prova de que entendi a explicação. Quando no verão trazem da adega, que é no subterraneo, algumas garrafas de vinho, o vidro d'essas garrafas embacia-se, torna-se humido, não é verdade?

— É; mas...

— Espera. Esse facto é produzido pelos vapores quentes do ar, que se precipitam e se condensam sobre a garrafa, que está fria. Pois não é assim?

— Muito bem! muito bem! — gritou Paulo, realmente satisfeito. — Agora, minha adoravel curiosa, já não me arrependo de me ter demorado tanto por tua causa.

E o engenheiro, depois de beijar a manasinha, sahio á pressa para os seus trabalhos.

CAPITULO XVIII

O FOGO!

A menina Susana estava a ler no seu quarto. De repente, o lume do fogão começou a fazer uma bulha singular.

A Susaninha voltou-se rapidamente, e viu no fogão enormes labaredas, que se elevavam para a chaminé, produzindo ruidos surdos, muito semelhantes ao ribombar do trovão ao longe.

— Que será isto? — pensou a pequenita, assustada.

E foi abrir a porta, dirigindo-se, a correr, para o gabinete da sua mamã.

— Que tens tu, minha filha? — perguntou-lhe a senhora de Sannois. — Pareces estar muito assustada!

Um dos criados foi a correr executar aquella ordem. Os outros trataram de afastar do fogão os móveis que poderiam ser alcançados pelas chammas.

O fumo amontoava-se no elegante quarto da Susaninha, obrigando-a a chorar, pela ardencia que lhe produzia nos olhos.

A pequenita ia retirar-se, quando os bombeiros appareceram, e então a curiosidade obrigou-a a ficar. De mais a mais, a sua mamã dissera-lhe que não havia perigo.



[A Susaninha prestava a maior attenção ao trabalho dos bombeiros...

— Anda ver, minha mãe, anda ver! — exclamou a Susaninha, arrastando quasi pela mão a bondosa senhora.

Apenas entraram na alcova, a Senhora de Sannois comprehendeu logo o susto de sua filha. Immediatamente tocou uma campainha.

— É fogo! — disse ella.

— Fogo?! — repetiu a pequenita, recuando.

— Sim, mas não tenhas medo. Não vale nada.

É um pequeno incendio na chaminé. Não ha perigo.

Acudiram alguns criados.

— Vão chamar os bombeiros! — ordenou a senhora de Sannois.

A Susaninha prestava a maior attenção ao trabalho dos bombeiros, os quaes começaram por fechar todas as portas e apagar nos baldes de agua as achas inflammadas do fogão. Em seguida, pediram que lhes trouxessem um lençol molhado.

Dois criados foram incumbidos de estender diante do fogão o lençol molhado, segurando-o bem de encontro ás columnas dos lados. Um dos bombeiros fez firme o lençol sobre a pedra do fogão, em quanto o outro, ajoelhado, o reteza pelo lado de baixo. D'este modo, a abertura do fogão ficou hermeticamente fechada.

Então o bombeiro que estava ajoelhado, seguiu o lençol pelo meio, e introduziu-o o mais que pôde no cano do fogão, retirando-o logo com um movimento rapido.

Immediatamente uma chuva de fogo veio cair sobre a lareira.

E' a ferrugem incendiada, que se despegou do tubo do fogão, em consequencia do movimento do lençol molhado.

Embeberam de novo em agua o lençol, apagaram a ferrugem que estava a arder, e repetiram a manobra; mas d'esta vez não cahiu ferrugem da chaminé, o que mostrava estar extinto o fogo.

A senhora de Sannois tivera primeiro a idéa de mandar retirar a Susaninha; mas vendo a attenção que esta prestava áquelles diferentes

zer a pequenita — Foi no fogão: apagou-se logo.

— Não valeu nada, mas podia valer muito — disse o sr. de Beaucourt. — Vamos lá ver isso.

Dirigiram-se ao quarto de Susana, onde estava ainda a senhora de Sannois, que os tranquillizou.

Os criados estavam acabando de sacudir o pó de ferrugem que saltara para os moveis.

— No meio de tudo isto — disse sorrindo a senhora de Sannois — quem mais padece é o avô ou o Paulo.

— Porque? — perguntaram ao mesmo tempo o engenheiro e o ancião.

— A Susana lhes dirá o porquê.

— Principio: — acudiu logo a pequenita — porque é que os bombeiros conseguiram apagar



trabalhos, lembrou-se que poderiam servir-lhe de instrucção, e deixou-a ficar ao pé de si.

No pequenino cerebro da Susaninha agita-se uma infinidade de perguntas.

Depois de tudo passado, a senhora de Sannois olhou para a sua querida filha, que reflectia silenciosa, e disse-lhe sorrindo:

— Está-me a parecer que o avô e o Paulo vão ter hoje bastante que fazer!

— Adivinhou, mamã; tenho que lhes dirigir muitas perguntas!

N'este momento ouviu-se tocar a sineta da escada. A Susaninha foi á janella, e viu que eram o avôsinho e o mano Paulo, que voltavam juntos. Correu logo ao encontro d'elles.

— Não sabem? — gritou ella de longe — houve fogo cá em casa!

— Fogo! Aonde?

— No meu quarto.

— No teu quarto?...

E Paulo e o sr. de Beaucourt mostraram-se inquietos.

— Oh! não valeu nada; — apressou-se a di-

o fogo com a simples ajuda d'um lençol molhado?

E contou o que vira fazer.

O avô deixou fallar a neta, e, quando ella concluiu, voltou-se para o Paulo e disse-lhe:

— Ah! está uma pergunta que nos vai dar que fazer.

— Effectivamente; — respondeu o engenheiro — primeiro que tudo, cumpre perguntar á menina Susana se ella sabe o que é o fogo.

— Ora o fogo! — interrompeu a pequenita, persuadida de que sabia responder; mas vendo-se embaraçada, accrescentou: — Sim... o fogo... é o fogo!

— Lá isso é verdade; assim como a carne é a carne! Mas sabes d'onde vem a carne?

— Dos animaes.

— E o fogo d'onde vem?

A Susaninha ficou perplexa.

— Ora bem, vou dar-te a explicação, sem entrar em grandes pormenores enfadonhos. Sabe em primeiro logar, minha querida Susana, que no ar que nos rodeia e que nós respiramos, ha

um gaz que se chama oxigenio, e que na madeira ha um corpo que se chama carbone.

— Carbone e oxigenio... — repetiu a Susaninha — já não me esquece.

— Ora, quando se consegue reunir o oxigenio ao carbone, misturando-os d'um modo especial, transformam-se immediatamente n'uma coisa, que é... o fogo.

— Ah! E como se consegue a reunião do tal oxigenio com o carbone?

— Elevando-lhes a temperatura, isto é, aquecendo-os.

— Mas o que é que se faz para lhes elevar a temperatura, como tu dizes?

— Quando a lenha está no fogão, não tens visto aproximar-lhe um phosphoro acceso?

— Certamente.

— Que faz o phosphoro? aquece o carbone até que elle se resolve a ligar-se ao oxigenio, para produzirem o fogo.

— Pois sim; — observou a Susaninha — mas d'onde vem o fogo do phosphoro?

Ouvindo aquella pergunta, tão cheia de lógica, o sr. de Beaucourt trocou um olhar com a senhora de Sannois, olhar que era um elogio á espezteza da pequenita.

— E' muito acertada a tua pergunta: — re-darguiu Paulo — qual é a origem d'esse primeiro fogo? A origem está na massa phosphorica que se vê n'um dos extremos do pavio de cêra. O phosphoro é um corpo cujo nome significa dá-luz. Já vês que foi muito bem baptisado. Como deves saber, basta friccionar levemente um phosphoro, para elle se inflammari; por outra, para elle se misturar (combinar é a expressão scientifica) com o oxigenio do ar. Por muito que friccionasses uma contra a outra duas achas de lenha, não aqueceriam a ponto de se elevarem á temperatura que é necessaria para o carbone que ellas conteem se poder associar ao oxigenio do ar; com o phosphoro não é assim: basta raspar-o com a unha para elle se incendiar.

— E' terrivel o tal phosphoro! — murmurou a Susaninha.

— Mas muito util. E então, já comprehendes o que é o fogo?

A pequenita escutara com a maior attenção as explicações; não obstante, hesitava em responder; afinal, curvou a cabeça e murmurou: — Comprehendo.

— A hesitação que a nossa Susaninha deixou transparecer — observou a senhora de Sannois — é muito desculpavel. Esses palavrões, essas combinações, as qualidades especiaes d'esses corpos, não são coisas que se comprehendam facilmente, deves concordar.

— Concordo plenamente, minha querida mãe — disse Paulo alegremente, curvando-se para a sua manasinha, que queria beijal-o — mas a culpa não é minha: não fui eu que inventei esses palavrões.

GUARDADO ESTÁ O BOCADO...

Dois ratos pequenos
Andavam no armario
Fazendo inventario
De quanto encontravam,
Porem dos petiscos,
Qual mais feiticero,
Sentiam o cheiro
Mas não lhe tocavam.

Debalde namoram,
Com olhos gulosos,
Os nacos cheirosos
Do bello salame,
Que o dono da casa,
Temendo-os de certo,
Tem tudo coberto
Com redes de arame.

Afastam-se tristes
Ao ver que o petisco
De dentro do aprisco
Se não desarreiga;
Farejam e encontram,
Ao canto, engelhado,
Um velho bocado
De pão com manteiga.

— Pertence-me a presa,
(Exclama o primeiro);
A mim deu-me o cheiro,
E minha sómente...
Mas logo, berrando,
Feroz, iracundo,
Protesta o segundo:
— Não é p'ra o teu dente!

E como um ao outro
Teimoso se oppunha
Agarram-se á unha
Alli peito a peito,
E dando mil guinchos
E pulos de corça
Pretendem que a força
Decida esse pleito.

O gato da casa
Em breve desperta,
E pondo-se alerta
Acode ao barulho;
Atira-se aos ratos,
A luta põe ponto,
E peca n'um prompto
Co'os dois no bandulho!

Moral verdadeira,
Doutrina segura,
Depressa se apura
Do caso nefasto:
Quem muito demanda
E em bulhas se implica
A si prejudica
E aos outros dá pasto.

D. MARIA DO Ó.



O VELHO E OS TRES MANCEBOS

FABULA DE LAFONTAINE

Um velho octogenario plantava
Arvores de que o fructo era tardio ;
Um grupo de mancebos que passava
Disse : — aquillo é por força desvario.

— Dizei-nos, bom visinho, que proveito
Esperaes d'essas lidas obter,
Se tereis para ver fructos com geito
Mais de que um patriarcha envelhecer ?

Para que apoquentar-vos com cuidados
De que o lucro por certo não é vosso ?
Pensae antes nos annos já passados,
Que o futuro pertence-nos, é nosso.

— Sois loucos, disse o velho, imaginando
Que vos pertencerá mais do que a mim.
Não sabeis que vivemos ignorando
Se está longe ou está perto o nosso fim ?

Da parca zombadora a mão pesada
A todos por igual se faz sentir.
Quem sabe, para a abohoda estrellada
Qual de nós será o ultimo a subir !

Se a minha vida tem seu fim chegado
Me deverão meus netos esta sombra.
Censuraes de para elles ter plantado !...
Mas talvez que aqui na verde alfombra,

Que atapeta este chão eu inda possa,
Do meu trabalho o fructo vir gozar,
E sobre a sepultura que fór vosssa
Ver os dias risonhos despontar.

E razão tinha o velho: que um dos tres
No oceano em viagem se affogou ;
Outro, bravo soldado, n'um revez,
Tendo sonhado a gloria, a morte achou.

O terceiro tambem cedo morreu,
Cahindo quando uma arvore plantava.
O velho que inda aos tres sobreviveu
Com tristeza esta historia nos contava.

MARIA RIBEIRO ARTHUR.



HORAS ENTRETIDAS

PALAVRAS QUADRADAS

6.^a

Nome d'uma flor — Synonymo de resar — Nome de mulher — Synonymo de lavar.

AZOGUE.

ADIVINHAÇÕES

7.^a

Qual é a coisa que é tanto mais fresca quanto mais quente está?

8.^a

O que é que se parte sobre a mesa, que não se come, nem fica quebrado?

9.^a

Vi-te aonde não estavas, e ainda que nunca lá estejas, sempre lá te hei de ver.

CHARADA

(AO PEQUENO ANTONINHO)

10.^a

Uma letra aqui mudando
uma só, e que é vogal,
tem o joven charadista
bem conhecido animal. } 2

Às plumas avesinhas
dou abrigo e protecção,
e tristes se destruído
sou por malévoa mão. } 2

Para lhe ofertar compuz
esta singela charada,
e como ainda é novato
não a fiz muito enredada.

NINGUEM.

CARTA ENIGMATICA

11.^a

Minha querida 9, 6, 2, 3, 7, 9.

A lembrança que tenho de que ainda 2, 5 minha amiga, é que me 9, 8, 1, 6, 9 a dirigir-te com a 6, 2, 5, 6, 9 confiança do passado, estas fracas linhas. Vivo muito desgraçada, em quanto que tu vives 1, 2, 3, 4, 5 longe de 6, 4, 6.

A nossa amiga 3, 7, 8, 9, bem como tua 6, 9, 8, 9 andam boas e muito se te recommendam. Enquanto a 6, 4, 6, farei a diligencia por ser discreta e tudo occultar a minha 1, 9, 6, 4, 3, 7, 9.

Provincia de 6, 4, 8, 9, 5.

Adeus, tua do coração.

6 de abril de 1883.

O todo

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

O PEQUENO ANTONINHO.

CHARADAS NOVISSIMAS

12.^a

Na musica uma ave é ave — 1, 2

13.^a

Esta vestidura tem pena do inchado — 2, 1

ENIGMA

14.^a

LIS
PE

FANTOCHE.

ALEGRIAS

Calino não prima pelo acio.

Alguem diz-lhe:

— As suas mãos estão trigueirinhas.

Calino indignado:

— Pois olhe, ainda esta manhã as lavei.

Uma menina, mandriona incorrigivel, que estava bordando um par de sapatos para o seu papá, disse a uma das suas amiguinhas:

— És muito feliz, minha querida!

— Porquê?

— Porque o teu papá tem só uma perna!

— Compra-me uma luneta, meu senhor? — dizia a um sujeito um d'esses finorios vendedores ambulantes.

— E o que se vê com a luneta? — perguntou o sujeito, fazendo-se engraçado.

— Tudo que o senhor quizer ver.

O sujeito pôz a luneta no nariz, e olhando para o vendedor, exclamou:

— Ora adeus! não vejo senão intrujões!

O vendedor recebeu a luneta, encaixou a tambem no nariz, e olhando para o engraçado freguez, diz com a maior sinceridade:

— É verdade! Tem razão!

Swift, o auctor da *Viagem de Gulliver*, era muito avarento.

Um dos seus amigos enviou-lhe um dia um magnifico salmão. O portador, que era um criado muito esperto, já farto de fazer recados semelhantes sem nunca apanhar gorgeta, depôz o famoso peixe em cima da meza, dizendo com mau modo:

— Meu amo manda-lhe isto.

— O que?... redarguiu Swift, escandalisado.

— Isso é modo de dar as coisas! Vou-te ensinar. Senta-te na minha cadeira, e vê se te fica de memoria a lição.

Swift aproximou-se respeitosamente do criado, que tomara o seu lugar na poltrona, e disse-lhe muito amavel, apresentando-lhe a travessa com o precioso salmão:

— Meu amo encarregou-me de trazer este presentinho, e pede desculpa da insignificancia.

— Oh! — exclamou o criado com descaramento — teu amo é um cavalheiro! Toma lá para ti um escudo, meu rapaz.

Swift não aproveitou a lição; despediu o criado sem lhe dar nada.

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

1.^a, Pateta.

C
H
CHAPA
P
E
U

2.^a,3.^a Capacidade — Trigo. — 4.^a, Um buraco. — 5.^a, O fumo.